

Ailton Santos

DANÇANDO

NO

LABIRINTO

Editora
UFPB

DANÇANDO NO
LABIRINTO



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Valdiney Veloso Gouveia
Reitor

Liana Filgueira Albuquerque
Vice-Reitora



Natanael Antônio dos Santos
Diretor Geral da Editora UFPB

Evertton Silva do Nascimento
Coordenador do Setor de Administração

Gregório Ataíde Pereira Vasconcelos
Coordenador do Setor de Editoração

CONSELHO EDITORIAL

Cristiano das Neves Almeida (Ciências Exatas e da Natureza)

José Humberto Vilar da Silva (Ciências Agrárias)

Julio Afonso Sá de Pinho Neto (Ciências Sociais e Aplicadas)

Márcio André Veras Machado (Ciências Sociais e Aplicadas)

Maria de Fátima Alcântara Barros (Ciências da Saúde)

Maria Patrícia Lopes Goldfarb (Ciências Humanas)

Elaine Cristina Cintra (Linguística e das Letras)

Regina Celi Mendes Pereira da Silva (Linguística e das Letras)

Ulrich Vasconcelos da Rocha Gomes (Ciências Biológicas)

Raphael Abrahão (Engenharias)

Editora filiada à



Ailton Santos

DANÇANDO NO LABIRINTO

Editora UFPB
João Pessoa
2023

1ª Edição – 2023

E-book aprovado para publicação através do Edital nº 02/2022 – Editora UFPB.

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio.
A violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998) é crime estabelecido no artigo 184 do código penal.

O CONTEÚDO DESTA PUBLICAÇÃO, SEU TEOR, SUA REVISÃO E SUA NORMALIZAÇÃO
SÃO DE INTEIRA RESPONSABILIDADE DO(S) AUTOR(ES).

Projeto gráfico · **Editora UFPB**
Editoração eletrônica e design de capa · **Emano Luna**
Imagem de capa (ilustração digital) · **adaptado freepik.com**

Catálogo na fonte: **Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba**

S237d Santos, Ailton.
 Dançando no labirinto [recurso eletrônico] / Ailton
 Santos. – Dados eletrônicos - João Pessoa : Editora
 UFPB, 2023.

E-book
Modo de acesso: [http://www.editora.ufpb.br/
sistema/press/](http://www.editora.ufpb.br/sistema/press/)
ISBN: 978-65-5942-242-5

UFPB/BC

CDU 82-1

OS DIREITOS DE PROPRIEDADE DESTA EDIÇÃO SÃO RESERVADOS À:



Cidade Universitária, Campus I –
Prédio da Editora Universitária, s/n
João Pessoa – PB CEP 58.051-970
<http://www.editora.ufpb.br> E-mail: editora@ufpb.br Fone: (83) 3216.7147

*"Querem matar o futuro?
Troquem livros por tiros."
(anônimo)*

Do primeiro espanto à perplexidade

Dançando no labirinto encadeia uma sucessão de surpresas e revelações, algumas apenas insinuadas, quase todas intrigantes ou de envolvente lirismo. Com ritmos e sonoridades inesperados, os poemas capturam maravilhas e amarguras das aventuras e desventuras humanas – do primeiro espanto do bebê, diante do mergulho fatal de uma abelha na xícara de leite quente, até a perplexidade do adulto com os enigmas além da cortina de seus instantes finais, fugidios e indecifráveis como ruídos de voos de pássaros invisíveis. Ou inexistentes?

Algumas poesias de *Dançando no labirinto* são singelas canções, às vezes reduzidas a músicas em surdina, impregnadas do frescor do campo ou do forte odor do húmus das botas de cavaleiros em currais fantásticos. Cantos de mistério no carrossel do tempo, pelos campos e descampados das Minas Gerais, nas cintilações dos lambaris em duelos de brilhos com o sol e as estrelas. O poeta reencontra-se nas paisagens da infância a improvisar peraltices e reinações, sempre envolto no amarelo resplandecente de espigas de milho, seduzido pelas auroras também encantadas com o ouro dos laranjais maduros e pela magia da luz do meio-dia a incendiar bolas de gude e o futuro do futuro.

No itinerário do poeta, o canário que se liberta da gaiola para o azul contrasta com os pássaros entalhados em mogno que voam em fuga da mobília da sala da avó para o desconhecido. Entre os sonhos do menino e os desafios do envelhecer, vagam mistérios e angústias da inevitável passagem final. O demo queima velas, o cão uiva para a lua, enquanto a guerra semeia jardins desfloridos, deflora menina-criança órfã, única sobrevivente na família que as “bombas, balas e

punhais” assassinaram, condenando milhões ao exílio e à fome. Atento às ameaças de tiranos e tiranetes que incineram florestas e sonhos, o poeta alerta para o governo que queima livros e vê perigo até nas cinzas das obras destruídas, a festejar gatilhos, a condecorar tiros no peito e a pregar o advento de noites sem fim. E denuncia a fome em “Ébano e dor”, em que uma família delira com iguarias diante de pratos vazios, imaginando peixes, assados e quitutes.

Amores remotos surgem na memória como espigas douradas num inexistente milharal de esperada (ou desesperada) colheita. Mas, o que dançará por trás daquelas cortinas no fim do espetáculo? Que mistério de indefinidas cores, aromas e sabores? Entre temores e reminiscências, surge soberano o cheiro da couve cortada pela avó em movimentos que mais parecem bailarinas no ar entre seus longos dedos de tricô! As lembranças seguem ecoando no labirinto sem fim. Da paisagem do campo e da labuta na roça, que a imaginação transporta para além das muralhas da China, o poeta chega a desafios e lúdicas indagações, num jogo em que o leitor se verá brincando com o gato no tapete da “sala de nãoestar” do poema “Nas patas do gato dançam os mísseis”, ácida crônica destes tempos em que o desvario de falsos heróis ameaça acender chamas de apocalipses atômicos. Em versos lúdicos, que insinuam o pânico, o angorá peralta dá suas piruetas, como Chaplin a dançar ao som de solos de jazz, enquanto o planeta gira no abismo de mísseis prontos para devastar mundos e fundos.

A hesitação no tiro de rolha no ingênuo “Duelo no parque” de diversões contrasta com o disparo da bala perdida que mata o irmãozinho de sete anos brincando na praça antes mesmo de sua festa de aniversário e da foto em família. Família de todos nós – vítimas de uma violência que nos arreбата para remotas épocas de barbárie e desespero. Fome e medo.

Enfim, os versos de *Dançando no labirinto* guiam e transviam o leitor pelos labirintos do universo do poeta, entre muitas inquietações e raras certezas, em “fantásticas vadiagens” – do primeiro espanto do menino até a perplexidade do último encontro do homem com os mistérios “além da cortina”.

Carlos Alberto Pañella Motta

Sumário

Do primeiro espanto à perplexidade	6
I	
Convite	12
Antibiografia	13
Duelo no parque	14
Nas patas do gato dançam os mísseis	15
Esconde-esconde... nas estrelas	20
O primeiro espanto	21
Aniversário na praça	23
Não irei para o mar	24
Shazam!	25
Nem te ligo?	27
A dança	30
Além da cortina	32
Último olhar	35
II	
Bebedouros	37
Bailarinas no ar	39
A febre	40
De mansinho	41
Revoada	43
III	
Naquela casa amarela	45
Fabulinha da estrela guia	47
Gritem mais, meninas!	48
Ébano e dor	55
Fé?	59

	...Em tempos de trevas	60
	1. Não poupem nem as cinzas, meninos	61
	2. Conselho de amigo?	62
	3. É muito fácil, não?	64
IV		
	No perfume dos teus cabelos	67
	Noturno	68
	Pelos cinco sentidos	70
	Adivinhar?	71
	Flores de outono	72
V		
	Cego ébano é a estrela	75
	Quem viu?	76
	Que sonhos tão diversos	80
	No alpendre	81
	Anoit'c'r*	82
	Além	83
VI		
	Ana, Aninha	85
	Nas teclas do silêncio, no tumulto das ruas	87
	Bétula	91
	Para uma cantiga singela	92
	Vadiagens	93

I

Convite

Silêncio.

Plenilêncio.

Ouça nas teclas do silêncio
a poesia, música dos enigmas
a tecer manhãs
e semear incêndios
contra a noite escura
com fúria ou com brandura,
entre elos e duelos.

Antibiografia

Não tenho sonhos, passado nem futuros.
Vivo de esquecimentos – meus tesouros.
E da secreta cumplicidade com as horas.

Duelo no parque

Domingo, vozes, música...
E um carrossel trajando luz.
No alarido do parque de diversões,
engatilho o rifle em aflita disputa
pelo último prêmio ainda em jogo:
a infância.
Ou a esperança?
Mas
 !o alvo!
pousa na jugular do tempo.
E agora?
Disparo?
Ou desisto?
Hesito.
Desrespiro.
Atiro ou não atiro?
Enquanto eu indeciso
o tempo aciona o seu gatilho
e do carrossel disparam os cavalinhos
em fuga.
Mas galopam para ondes
com meus últimos sonhos
nos seus lombos de luz
que o engolidor de fogo apagou
com um longo sopro de ontens?

Nas patas do gato dançam os mísseis

... pra lá...

... prata...

esporas?

... ouro...

... pra cá...

aurora?

Ouro fogo aurora esporas?...
Seriam arco-íris em milmolas
que se enrolamdesenrolam
em rútilos novelos de lãluz?
Ou mil chips de pirilampos
a cegar todos os santos?
Talvez desesperados SOS
de náufragos a seus heróis.
Ou mudas revoadas de mísseis,
esses prodígios do apocalipse?
Ora, nem piras eternas,
as chamas da guerra;
nem brilho fugaz,
relâmpagos de paz.
Apenas piruetas do angorá
que não para: dispara
rola que rola pela sala
em cambalhotas loucas
multibrilhos de louças.

Pata(da)s nos espelhos
no futuro na fruteira.
Para o ar peras
sonhos pêssegos
medos uvas iras
mil maravilhas.
Meu desespero
meu desesperho
salta dança gira
cai vibra desliza
entre as garras do gato
que riscam o céu de trevas
do meu olhar nas Guernicas
sem fim que se multiplicam
a norte sul leste oeste
de todas as pátrias
(por áfricas e áσίας,
europas e américas)
a parir reis párias
incinerando futuros
mutilando úteros.
Corações impuros
tiranos eunucos
robôs sepulcros.
Até que em clics loucos
a feríssima fera rasga o jogo
em golpes virtuais
e atira-me nas espirais
de trampolins vazios
que balançam invisíveis
no abismo da sala de estar
e não-estar.

Pavor pânico fúrias
pendulam que pendulam
aqui
ali
lá
além
alhures
nas nuvens.
E agora?
O que será... será?
Goethe morreu pedindo luz
eu sobre-vivo pedindo ar
e meu sonho livre da cruz
deste jardim de horrores
genocídios fugas pesadelos –
todos os (mesmos) ditadores.
Milsérias! Sufoco louco!
O que será da minha vi(d)a-láctea
sem o último cometa que se apagou
nas pupilas do meu pássaro azul
que o gato engoliu num salto mortal?
(Chaplin calado?
Anjos caídos?
Brecht imolado?
Cegas estrelas,
ruas vazias
esquinas vadias
chuvas de bombas
balas perdidas
no peito das mães
no coração dos filhos
o aço quente

na carne tenra
sangue corrente
algemas de sempre
matas em chamas, ácidos rios
legiões em fuga, morte, exílios...

E

o futuro lacrado em chips e clics
de falsos líderes libertários
que saciam a milenária gula
de insanos salvadores da pátria
com a avidez de algozes ancestrais:

o que sentir e pensar,
o que amar e desamar,
o que ser e não ser,
se dia ou noite será,
por que nascer até
e por quem morrer.

Tudo preso por um fio
às patas do meu angorá.)

Verso e reverso do absurdo:

a babel do meu olhar
enlouquece os espelhos
cega radares, avatares
gela etnas mil etceteras.

Então, a quem mais perguntar
por meu destino desatinos?

Ao feérico brilho dos astros?

Aos ma(l)gos da Bolsa Des-valores?

Ou invocar profetas do Juízo Final
no tátibitáti das redes antissociais
que vomitam mais de mil ídolos
por minuto

por Cristo
todos os mitos?
Tolice!
O futuro... mistérios? glórias? fábulas?
Ora, o futuro no tapete da sala
devora o gato no seu sonho
de fofo pompom furtacores
e engole até suas pulgas
que pulam pululam
equilibristas pontos de fuga
do sorriso de Mona Lisa.
E a minha sorte: dita ou desdita?
O que diz o oráculo dos oráculos, afinal?
A sorte é uma impostora que gira e salta
no caleidoscópio entre as patas do angorá.
Covarde, tento fugir para a infância
ou
exilar-me num futuro sem infâmias
enquanto o apocalipse, todos os destinos
dançam entre fósseis e mísseis
nas patas do fantasma do gato
que rola enrola desenrola
na minha sala de nãoestar
... pra lá...

... prata...

esporas?

... pra cá...

... ouro...

aurora?

Esconde-esconde... nas estrelas

No reino do vale-tudo
o sol brinca de esconde-esconde
nas minhas bolinhas de gude
e nos olhinhos furta-cores
da minha boneca Gertrudes.
Encantada com tanta luz
jogo as bolinhas no bolso
que me enfeitiçam como gnomo
com suas cócegas de fogo.
Mas como bailarina ou pássaro
minha boneca voa e dispara
pelo céu a dançar com as estrelas
que se encantam com tanta beleza.
Olhem! Olhem lá! Vocês podem vê-la?

O primeiro espanto

Que gelada manhã de maio!
No piso de pastilhas da copa
uma abelha zumba e decola
em zigue-zagues pelo ar.
Mas logo uma forte brisa,
véspera de ventos, esquiva,
agita no xaxim lá no alto
um grosso broto da samambaia.
Susto!
Com medo da falsa víbora
verde
a abelha desvia o voo
e mergulha na xícara de leite
bem ali na minha frente.
Preso à cadeira de bebê
nada consigo fazer,
diante do pote de mel
ao lado de minha mãe.
Duas asas boiam à deriva
na armadilha da xícara
coberta pela nuvenzinha
de calor do leite quente.
Mordo com força
e poucos dentes
o bico da mamadeira
sugando o café-com-leite
adoçado com puro mel

e um grande espanto.
O meu primeiro espanto,
bem junto à cadeira vazia
de meu pai – todos de luto
imóveis, em calada agonia.

Aniversário na praça

Meu irmãozinho brinca com a alegria
de seus sete anos bem ali no meio da praça.

Bola pra cá

bola pra lá gol!

Bola pra cá

bola pra lá gol!

De repente o tiroteio

 banguê!

 banguê!

 banguê!

acaba com a brincadeira:

meu irmãozinho engole uma bala

quase em brasa

no meio do riso

antes de soprar a última vela

e de nascer na foto em família.

Sangue, morte e desespero na praça.

Meu irmão sobe aos céus sem asas.

E mais nada

além da bala

no peito de ave abatida

e da bola na poça de sangue

ainda quente na calçada.

Não irei para o mar

Não, não irei para o mar.
Lambaris pratas brilham
fervilham e se multiplicam
no meu regato cristalino
bem no coração de Minas,
com o fervor de punhais
trêmulos de luz no ar.
Além disso, o que não é pouco,
aqui esses peixinhos loucos
brincam noite e dia
de saltar para o céu,
a desafiar estrelas
sóis e luas – todos os brilhos,
para duelos de mais cintilar.
Não, não irei para o mar.
Ficarei aqui brincando de pescar
estrelas e mistérios nesses duelos
de milbrilhos
com as redes do meu olhar
à espreita das pepitas de cada pôr do sol.

Shazam!

Mais um aniversário sem festa nem porres
com amores de corpos suados, juras sem nexo
e as mesmíssimas promessas pelo avesso.
Revoada de pássaros sem corpos, o silêncio
pousa no parapeito do último andar
da solidão.

Ninguém a convidar, afinal?

Na memória, apagaram-se todos os nomes,
antigas paixões são tênues vestígios no escuro
túnel do esquecimento – meros sussurros.

Os amigos desapareceram nas esquinas
dos medos, dos negócios, nos palácios,
sem adeus, lamentos de blues
ou improvisos de flautas de Oz.

No meio da noite, o nó da gravata
rebrilha desafios na escuridão.

Uma rima ou única solução?

Nada de drama, quixotescos epílogos.

As sombras em que te multiplicas

– de algoz, herói ou vítima –

a cada segundo surgem e se dissipam
como fumaça em fuga de um cigarro
que nunca foi aceso ou sequer existiu.

Na moldura das tuas lendas hilárias
não cabe mais euforia ou desespero:
o menino que cuspiu miragens nos espelhos
de mágicos horizontes em chamas

agora pastoreia insônias e pesadelos
aboindo sonhos mortos, tênis rotos
debaixo da cama fria na quitinete vazia.
Desejos presos aos cabides,
inutilmente
repetes urgentes SOS à infância,
remotos naufrágios no aquário.
Então...
Então?...
Então, Shazam!
Mergulha à meia-noite no videogame
e joga mais uma partida de xadrez.
Até que o galo cante outra vez. Em inglês.
Talvez.

Nem te ligo?

Mortal inimigo de faraós e narcisos,
começa a mapear-me o rosto
o misteriosíssimo vitiligo –
minúsculas agulhas,
gumes cruéis,
punhais invisíveis.
Estranha sigla:
exótico animal,
marca de fio dental
ou milagroso complexo vitamínico
de tudo revigorar?
Letal essência ou neolítico utensílio?
Cerco aos cílios,
o invasor faz progressos incríveis:
na face esquerda esboça uma ilha,
semeia pontos pálidos no queixo,
rasga no pescoço marcas de forcas,
à revelia quer ser máscara inteira:
em rápido assalto faz do belo uma fera
que não suporta o horror de lâminas cegas
tatuando patas de monstros na testa.
Afinal,
que maldito pintor esgrime tais pincéis?
Talvez Caravaggio? Arranco-lhe os olhos.
Acaso Van Gogh? Amputo-lhe os punhos.
Como combater esta legião de demônios?
Em pânico, enfrento-os com ervas e raios,

rezas e laser, cremes e gritos.
De joelhos,
imploro aos deuses o elmo de Hades,
o Invisível senhor do mundo das sombras.
Mas avança implacável o inimigo:
desbota testa, nariz,
mações de rir e de chorar;
ataca no silêncio da noite,
no alarido das festas,
mãos, espáduas e pés.
Orgulho, pudor e desejos.
Sempre só,
em fuga do sol,
clama no escuro o mascarado solitário,
órfão de si/mim mesmo(s) e dos oráculos:
sem a graça de palhaço ou saltos de clown
que personagem me restará afinal,
se até o drama perde vida e força
na desfigurada palidez do rosto?
Riscada a pele e dilacerado o ego,
evaporam as rotas armaduras,
derretem-se todos os escudos
do ex-herói que agoniza na jaula
da nudez, em pânico de exílio
sem fim.
Só.
Absolutamente só.
A ciência ensandece por fim minha vaidade:
o desbotante é mal de ignorada raiz,
devora pigmentos e brilhos sem vãs delicadezas.
Poro a poro, sem fim nem sons,
há milênios engana sábios e magos,

enjaula heróis, humilha reis, imola virgens.
Louco para vingar-me das hediondas tatuagens,
desafio todos os (meus) demônios para um duelo
a gritar maldições diante do espelho:
- Viltiligo! Nem te ligo! Viltiligo! Nem te ligo!
Atrás da falsa máscara mortuária,
porém,
chora inconsolável narciso.

A dança

Rego as plantas,
liberto o canário,
religo o rádio,
tranco a porta.
Deixo Elis cantando na casa vazia
para a samambaia na sala
crescendo
tecendo
nós no meu peito no meio da rua.

Poucos passos
entre o beco e a praça
e morrem todos os desejos.
Mas de repente, pela camisa aberta
felina brisa arrepia-me os pelos do peito –
a mesma surpresa dos primeiros gozos.
Desisto do disco de rock,
cancelo a compra de roupas
e corro de volta à cozinha
para dançar com a garota corada
que sorri entre morangos vermelhos
bordados no alvíssimo pano de pratos
na parede de azulejos branco infinito.
Nossos corpos tremem, estremecem
loucos para ser uma só nudez.
Ritmo frenético, vertigens.
E música, mais música!

Fascínio, prazer, espanto.
O suor a rolar no rosto
a escorrer na nuca
a ressaltar a boca.
A camisa colada no peito
suga-me a pele como lábios loucos.
Arrepios, delírio.
Contradança final:
“São dois pra lá, dois pra cá”:
eu e a garota de faces rosadas
partimos na estrela que brilha
na raiz da samambaia em chamas
com a voz de Elis.

Além da cortina

Que estranha música além da cortina!
Seria acaso um daqueles misteriosos
diálogos matinais do perfume das rosas?
Ou súbito ruído de asas de pássaros?
Abres a janela, confuso: é o tempo,
última pétala ao vento
que cai, da única flor do jardim
de espantos à tua volta.
Soberano, o silêncio
anuncia o inapelável fim.
Com calma e sem disfarces
prepara-te então para a viagem,
travessia sem fim nem regresso.
Não levarás bagagem nem relíquias.
Nada de miudezas, fortunas, desídias.
Os tesouros fundiram-se em lágrimas
(falsas?)
e na dissimulada cobiça da família.
E, nesse interlúdio ou epílogo
(como queiras, pouco importa)
não espere de nenhuma visita
a monotonia dos frios estribilhos
de patéticos improvisos de altruísmo
nem os previsíveis alardes de amigos.
Se haverá luto, estátua, louvores?
O teu cachorro não irá latir
aos ruídos dos preparativos,

mas agitará a cauda ao partires.
E todos os dias à mesma hora
deitará no lugar de costume
com olhar fixo na vasilha
de alumínio à espera de comida.
Tolice lembrar que ao menos Argos
reconheceu o indômito Ulisses
no retorno a Ítaca: não haverá volta.
Ah! O canário?
Sim, ele ficará,
saltitante como sempre,
a espalhar penas como pétalas
no ar
de flores do exílio na sala vazia.
Indiferente, alguém trocará a água
ouvindo o bico estalar no alpiste.
Depois, abrirá lentamente a gaiola
com um sorriso quase distraído
até que ele voe para longe das grades
e desapareça no translúcido azul da liberdade.

Incerta placidez de domingo
iluminará as ruas vazias do último dia
e um insuspeito coro de remorsos
embalará os lentos vultos do cortejo
até o ponto final – ou será o início?
Muitos sentirão grande alívio
por não serem o protagonista
do espetáculo, com suspiros
contidos, olhos perdidos no céu,
todos mudos à sombra dos ciprestes.

Após breves sussurros de adeus,
reinarão dúvidas indecifráveis
a segar os laços e selar os lábios
unindo as dores mais puras
aos mais renitentes rancores.
Mas não te desespere:
não haverá mais solidão.
Mas paz.
Paz absoluta.
Talvez azul.
Por que não?
Não era a cor predileta
das fantasias de tua infância?
O telefone tocará mil vezes no abismo
da tua ausência, até calar-se para sempre.
E do teu silêncio nascerá uma flor
(invisível)
de que ninguém sentirá o perfume
suspense na gaiola vazia
ainda com grãos do alpiste
abandonado pelo canário
antes de voar para o azul.
Para a vida.

Último olhar

No fim de tudo
ao acabar o jogo,
o meu último olhar
será para minha primeira bola de gude
ainda com o brilho das primeiras luzes.
Aquela mesma semente de mistérios, sonhos e futuros
repleta de todos os meus sóis que brilham até no escuro.

II

Bebedouros

Bebia eu inumeráveis arco-íris
que bebiam ribeirões e rios
nos aléns e nuncas de Minas.

Elixir, elixires.

Pepitas, delírios.

Muito mais sorviam meu pai e minha mãe
a ouvir no alpendre o alarido da colheita
e a dar ordens sobre o eito
destinos, filhos, todos os frutos
lançando anzóis no futuro do futuro.

Sete filhos: sete lendas,
sete camisas dançando ao vento
no varal suspenso em abismos
de jamais
e talvez.

Na lembrança, a infância: dourada
penugem de pêssegos maduros
em cócegas na palma da mão,
lâmpadas de laranjas em chamas
no pomar dos sonhos,
todos os frutos em doce calda
porém de amarga, amaríssima polpa.

Agora

bebe-me o corpo marcado de anzóis
a gamela de vermelhíssimo cerne
ancorada na escuridão da cozinha
da memória

ainda com vestígios luminosos do maná
da família, dispersa por revoltos ventos
e mais que dissimulado esquecimento.

Suspenso nos abismos, estendo as mãos:
tudo lendas e vultos de camisas vazias
a bailar no varal de arco-íris em fuga.
E agora?
Matarei meu pai? Sufocarei minha mãe?
Ou embalarei nas cadeiras de balanço,
já vazias,
esses dois bebês de mãos dadas na penumbra?
Sem resposta nem mais perguntas
sirvo-lhes um café imaginário
e ponho os dois para dormir
em berços de nuvens, ódio e ternura.

Bailarinas no ar

Moleque a brincar de DeusDemo,
esta noite faço versos
como rasgava couve para a sopa minha avó,
a esculpir bailarinas invisíveis no ar
com seus magros dedos de tricô.
Com palavras de brisa, mel e sal
embriago os demônios que mil espionam
dentro de amêndoas de pedra
na sala de estar suspensa no tempo.
Psiu!

Que música é esta lá fora?
Ah! É ela de volta: minha avó
rasgando couve para a sopa
a coser bailarinas perpétuas
com o 'nv's'v'l fio das horas
entre seus longos dedos de tricô.

A febre

Suave odor de bebê no berço de vime.
No quarto ao lado, com cheiro de urina antiga,
o avô põe para dormir na sua cama viúva
o tempo,
com ternura quase infantil.
E vai passear no milharal
que ondula em vaivém sem fim
de brilhantes espigas e fresca verdura.
Longos cabelos soltos ao vento,
aventil úmido colado ao ventre,
a filha atrapalha-se com as fraldas
que se agitam no varal
como pássaros no primeiro voo.
Ao ver o pai colher uma espiga,
para de pendurar roupas do filho e grita:
– Os pulmões, papai! A chuva! Olhe a febre!
Mas,
feliz com o fresco afago da chuva,
apenas ele sabe
que a única febre
que ainda arde
é sua paixão pelo milagre do milho.
E sorri para as espigas de ouro
certo de que logo seus grãos
serão douradas pepitas ao sol
a exalar da pedra da mó
o alento essencial dos bebês
o doce maná da broa de fubá
o prodigioso aroma das manhãs.

De mansinho

De mansinho, avançam as mãos
como pássaros cegos na escuridão.
Os longos dedos vermelhos
de acetinada pele de bebê,
com máculas de quase século,
acendem a lâmpada do quarto
para o seu único passatempo:
divertir-se com a vertigem do pêndulo,
trêmulo de medo do próprio brilho,
a multiplicar punhais no espelho
do velho armário coberto de pó.
Também trêmulos e erodidos,
os lábios não assobiam mais
esquecidas canções de amor
nem insinuam insultos antigos
que incendiavam brigas de galo
e noites no cabaré com moças no colo.
O único prazer que ainda o consola
no abandono: uma vez por dia
sorrir de mansinho, como criança,
da louca dança dos raios aflitos
a perseguir corações invisíveis
no espelho quase cego de poeira.
Até que uma voz doce e irresistível
entoa um convite, comando definitivo:
- Vamos, vovô. Hora de dormir.
A lâmpada se apaga por encanto

e de mansinho ele fecha os olhos
bem no meio do sorriso
(para sempre)
cabeça apoiada na cadeira de balanço
diante do pêndulo, agora imóvel no espelho,
liberto enfim do medo de seu próprio brilho.

Revoada

Os pássaros entalhados na cômoda de minha avó
emigraram em silêncio da minha infância.
Voos sem pios nem vestígios,
revoaram todos no meu sono
em incerta madrugada de outono.
Entalhes em fuga,
cintilações de adeus –
alvuras, púrpura e breu.

Agora
bicam-me o peito em ecos de mogno
e esquecimento
os pássaros tatuados na cômoda de minha avó
para sempre sem corpos
definitivamente
nuvem de silêncio.

III

Naquela casa amarela

Naquela misteriosa casa amarela
dizem morar secretas maldades.
À noite o demo queima suas velas,
um cão solitário uiva para a lua
preso por velha coleira de couro
e uma criança chora que chora
noite e dia, no claro e no escuro,
orfandades de cruéis desamores.
No jardim daquela casa,
quase sempre fechada,
redizem: passado e futuro jamais deram flor.
Porém, numa noite de lua cheia tudo mudou:
a madrugada era só silêncio e... nada de choro.
Na manhã seguinte, por aquela porta estreita
saiu em segredo uma levíssima caixa preta
pelas mãos de dois homens e três mulheres.
Sem uma palavra ou soluço, aqueles vultos
arrastaram os pés na poeira vermelha
do jardim desflorado de todas as pétalas.
Todos mudos.
Passos miúdos,
olhar no além.
Surdo murmúrio
de confuso zum-zum:
“Na paz do senhor.”
Ao ver passar o cortejo
o cão choramingou

bem, bem baixinho,
assim como criança.
À noite, da coleira
ele olhou para a lua
mas não uivou.
E dormiu.
Para sempre.
E nunca mais uma criança chorou
ou sorriu naquela misteriosa casa amarela,
onde, se diz, o demo ainda queima suas velas.

Fabulinha da estrela guia

- Mãe, não consigo dormir.
 - Não, filha? Então conte carneirinhos.
 - Não posso, mãe.
 - Por que, filha?
 - Não tem mais carneirinho.
 - Como não, filha?
 - Nós não comemos o último na ceia desta noite?
 - Comemos, mas é só um faz de conta, minha filha.
 - Não consigo, mãe.
 - Então olhe pela janela e conte os foguetes no céu.
- Imagine que são a estrela que guiou os reis magos até o menino Jesus.
- Mas se eles matarem Jesus?
 - Não. Conte sem medo. Eles só ilumi...
- Antes que a mãe concluísse,
iluminou a casa um míssil.
E dormiram mãe e filha.
Para sempre.
Com toda a família

Gritem mais, meninas!

1

Cuidado, menina!
Corra, menina!
Pra baixo da cama!
Feche os olhos, menina!
Esconda a cara na lama.
Olhe as bombas, menina!
No chão! As balas!As balas!

Bombas e mais bombas –
sol a sol
noite e dia
sangue, ossos, frutos, raízes.
Nas ruas, berços, asilos
sonhos, orgasmos, sorrisos.
Bombardeios riscam o céu
e explodem jovens viúvas
com filhos nos peitos nus;
úteros, todos os futuros.
Crianças que brincam na rua
morrem com a música de horror
do tilintar das taças dos cínicos
assassinos, a brindar a cada vitória
que multiplica suas moedas de ouro,
colecionando cadáveres, o seu tesouro.
E as novas flores dos jardins?
Até as pétalas amanhecem estopins.

Cuidado, menina! Corra, menina!
Minha casa só poeira e ruínas.
Mortas as meninas irmãs minhas
mamãe, meu vô, o gatinho...
Meu pai desfeito em trapos
sem pernas rosto e braços
dentaduras rindo na poça de sangue
que tinge o cabelo branco da vó
de olhos vidrados de medo pro céu
cego de estrelas, sem azul nem sol.
Minha vó, meu último colo,
agora no meio das pedras,
pés presos aos restos do teto,
mãos esmagadas entre panelas,
tijolos e brasas ainda acesas,
pedaço de pão na boca aberta.
Acorda, vó! Acorda! Vó! Vó!
Outro rá-tá-tá corta plantas no quintal
e tritura a bilha da água do chá.
Nuven de poeira vestem os cadáveres
e me cegam, sufocam, desesperam.
Um fio de sangue escorre na testa da mamãe
até o canto da boca, que se mordida de dor
ao agonizar, tentando alcançar minha mão.
Meus dois cabritinhos berram como bebês
por leite
no escuro da cisterna seca pedindo tetas
da mãe morta.
Meu cocoricó agoniza perto do paiol
com as penas em chamas.
Nunca mais ouvirei meu amigo cantar

*de madrugada chamando o dia pra brincar.
Pó!Pó! Pó!
Ai! Meu miau!
Vó! Mãe! Pai!
Ninguém se mexe nos escombros.
Desapareceram todos num estrondo.
Terremoto? Todos mortos.
Só gritos e ecos de bombas e balas
que não param, que não calam.
Olhos, pernas, braços – só pedaços.
Meu corpo de menina, um espantalho
agora reduzido também a ruínas:
na alma, facas em brasa;
no ventre, sementes de monstros
com medonhas máscaras da morte,
que me mordiam a nuca
e me rasgavam a carne aos gritos:
– Quieta, menina! Calada, putinha!
Tanta dor, mas tanta dor
que me deitaram menina e levantei mulher
mordendo a língua sem poder gritar.
Eu quis rezar e não vi Deus na escuridão
nem água para lavar a baba
daquelas feras, as marcas
do sangue na carne rasgada!
Ruínas, só ruínas de ruínas.
Para não acabar louca,
não cortar os pulsos,
não vomitar até os ossos,
finjo que é o meu gatinho
que brinca dentro de mim
e não a semente dos demônios*

*que escarraram no meu sangue à força
enquanto urravam de ódio e de gozo
riscando com punhal o meu pescoço.
Passo a mão na testa
para espantar as moscas
e sinto na pele o cheiro podre
de porco sujo de lama antiga,
de cadáver rejeitado pelo jazigo.
Mas nada de lamento, nada de chorar:
é fugir, fugir sem olhar para trás.
E se possível, sem pisar nos ossos
nem esmagar os sorrisos mortos
nos lábios dos noivos abatidos à bala
quando iam se beijar no altar.
Minha única bagagem, além do horror
que me tortura e queima o ventre
e da marca do punhal na garganta,
é a metade da boneca da irmã caçula
presa pelas tranças à minha cintura
ainda com a marca de seus dedinhos
que uma bomba mandou para o ar.
Agora ecos de bombas e balas
aboiam legiões em fuga pelo deserto
enquanto minha barriga incha e queima
mais que o sol e as areias em brasa.
Sempre tangida pelo medo,
a caravana de mortos vivos avista o mar.
À beira do abismo, da praia, esqueço a dor,
a fome e até o meu nome,
mas não a infâmia.
E com a legião de fantasmas alucinados
tento escapar da morte para o fim do mundo,*

*qualquer mundo
longe de monstros, bombas e balas.
Em volta de frágeis barcos à deriva
as ondas do mar espalham cadáveres
em cegos mergulhos de pássaros
numa travessia sem destino.
Súbito,
um peixe escapa do bico de uma gaivota
e cai do céu no colo de um jovem macilento
que o agarra e devora com fúria de fera
cuspiendo escamas pelos cantos da boca.
Milagre?
Logo o peixe volta num jorro de vômito
e desaparece nas ondas do mar revolto.
Choro calada, sem uma lágrima,
mordendo a língua seca e áspera
de animal sem ração e sem água.
Trêmula, engasgo com meu vômito
ao cruzar as mãos sujas na barriga
depósito de mais de um filho medonho
que despertam rasgando-me a carne
com pontapés e mais pontapés
a repetir o horror dos golpes dos pais
que tanto me pisaram e me cuspiram.
Para não enlouquecer, olho a escuridão
e imagino que o ruído das ondas
é o chá que ferve para cada fugitivo beber
antes de adormecer nas estrelas
ou desaparecer no fundo do mar.
Minha barriga estufa a cada minuto
como balão repleto de filhos
de cada monstro que me sangrou.*

*Como apagar o fogo das vísceras,
afastar os dentes nojentos da nuca
e devolver vida àquela menina antiga
que nem me lembro quando morreu
enquanto os cães a usavam como latrina?
Noite alta, gritos ecoam como sino:
– Todos fora! Fim da viagem! Todos fora!
Cegos na neblina, apavorados fantasmas
jogam-se dos barcos para a morte.
Corpos boiam como carcaças de pássaros.
Nenhum gemido ou grito por socorro:
os espantalhos deixamos a voz
na garganta dos mortos
que ficaram para trás
nos dentes das feras,
nas armadilhas da guerra.
Passo a passo, sem rumo no escuro
de maus presságios, os sobreviventes
só recebemos vento e gelo no coração da Europa.
E gelam sangue, alma, rosto e pés –
patas mutiladas da imensa centopeia
que se arrasta, avança e recua
nas jaulas invisíveis do exílio
tangida em noite de novos horrores
por outros cães de fronteiras
que sangram nossos corpos magros
em dores antigas e mesmos trapos
contra as garras das cercas de aço
que confinam nossas esperanças
e o desespero de rebanho manso
anunciando aos berros outro inferno:
– Quietas, meninas! Quietas, meninas!*

*Fecho e abro os olhos: só ruínas.
Ruínas de ruínas de mil meninas,
presas pelos mesmos monstros
que vestem outras máscaras
com novas cores da mesma morte
aos ecos de bombas e balas,
bombas e balas que não calam.
– Quieta, menina! Quieta, menina!
De novo na noite gelada e sem fim
dentes na nuca, punhais na garganta
gritos de ódio e gozo, carne rasgada.
E os pontapés na barriga não param
e as balas e bombas que não calam.
Mas
vamos gritar, meninas.
Não se calem jamais.
Gritem mais e mais.
Pois só nossos gritos calarão
bombas, balas e punhais.*

Ébano e dor

Lúdico algoz, o pêndulo
tudo imola
absoluto
letal
estalido de ossos
no silêncio da sala de (não) jantar.
No colo da mãe, o bebê suga fel de peitos secos
com olhos nos raios que rebrilham no pêndulo,
enquanto o bisavô, múmio no quarto escuro,
geme preso ao catre que o enjaula
a implorar que alguém o mate
e resgate antes da próxima visita dos ratos
mais famélicos que os vultos rotos.

O tempo
cose que coze os lábios da família
e sangra a cena sem alimentos.
Só dores, agouros, lamentos;
desespero, eunucos desejos...
Ásperas pedras em brasa, as palavras
não anunciam sopas manás migalhas,
presas ao cruel vaivém do cuco,
que entre nuvens de nada e falsos céus
bica e rasga vida e vísceras da prole
empalhada ao redor da mesa vazia.
Aos ecos de pios metálicos
logo reataca sem trégua o cuco

olhos de pai, mãe, filhos
– mortos frutos –
e vaza até as pupilas do futuro
na brancura da louça fria.
E lá na sinistra escuridão do quarto,
o bisavô reza para afastar os ratos.
Mas é o catre que lhe morde o couro,
coxas mirradas que nem sangram mais
na secura extrema de véspera de pó.

Súbito vento os pássaros
das cortinas agita
e veste cada corpo
(do bisavô ao bebê)
em golpes de roca sem fios
calafrios de jejum sem fim.
Fome
voraz
atroz,
avidez
inócua:
doridas armadilhas em vigília,
esmagam o vazio as mandíbulas.
E, mortos olhos de crucifixos,
todos repastam os pássaros das cortinas
que revoam ao som de fictos banquetes,
quitutes disparates, oásis no céu da boca
seca.
A nudez xadrez da toalha alvinada
ateia delírios à mesa:
patos dourados no ar

peixes em delícias
aves saborosíssimas
esmeraldas topázios rubis
salivam chamas na língua

(LOMBO À MODA DA MAMÃE
*Lave bem o lombo, esfregando-o de leve
com metades de limão cravo.
Tempere-o à vontade com molho
de sal, pimenta, noz-moscada, alho
e cebola, além de suco de laranja,
cobrindo-o com cheiro verde,
da noite para o dia.
Ao forno, pela manhã, até dourar.
Sirva-o em fatias suculentas
com farofa de manteiga bem úmida
e ameixas em espessa calda acridoce.)*

No brilho da limpíssima louça
satânicas esfinges simulam festins.
No velho armário, sibilam perversos flautins
cantigas de morte na alvura de pratos sem uso.
Últimos unguentos, o tempo coze múmios
olhos ocos à espera da (santa) ceia invisível.
Só – e só! – na memória talheres tilintam
no único alimento vivo de legumes reais,
verdíssimas verduras a flutuar em rios extintos
embalados pelo vento em arrozais maduros.
Em delirante desfile de falsos assados
e remotíssimos pudins,
estalam cacos de dentes triturando banquetes

enquanto colheitas revoam rumo às panelas,
searas inteiras incendeiam travessas
(intactas)
e o pão-dos-milagres unge as bocas
defumadas em fome
e nadas.
Delírio inútil pois a fúria do inverno
rasga suas vestes contra os vultos
da família já pedras
ao re-dor da mesa
e
gela o couro do bisavô
agora inerte no velho catre,
livre do horror aos ratos afinal.

Trêmulas adagas em chamas, o pêndulo
então único ser vivo a se mover na sala,
em múltiplos golpes apunhala o silêncio,
mas
logo se apaga em absurdo suicídio de incêndio.
E na escuridão restam enfim
apenas famintos e mudos ninguéns
esculpidos em ébano e dor
ébanoedor
ébanoedor
ébanoedor.

Fé?

“Sem aquela mãozinha de Deus
até plantio é suicídio de sementes
quando tudo é véspera e talvez.” *

* Do Livro de Provérbios X, Capítulo 1, versículo único.

...Em tempos de trevas

1. Não poupem nem as cinzas, meninos

Primeira lição

Ei! Mais alguém aí na escuridão?
Aproximem-se e prestem muita atenção!
Tudo o que contam os livros é mentira!
Para o seu bem, repitam: pura mentira!

Segunda lição

Vamos agora queimar os livros,
apagar todas as suas mentiras,
destruir seu veneno invisível.
Só assim vocês serão livres
e nossa vitória será possível.

Terceira lição

Coragem! Muita coragem!
Meus jovens, não vacilem jamais
pois a história só consagra os heróis.
Então, vamos depressa queimar
os covardes que não queimaram os livros.
Morte aos fracos, morte aos falsos amigos!

Quarta lição

Agora, exijo sua máxima atenção!
Antes do primeiro sinal da manhã
teremos que nos livrar das cinzas
fétidas dos covardes e dos livros.¹
Este pó é mais letal que um vírus.

¹ Cuidado!
Para este veneno não há antídoto!
Até mesmo as cinzas dos livros
podem brilhar com muito perigo
na escuridão, contaminar multidões
e renovar a vida e a força do inimigo.

2. Conselho de amigo?

Menino, queres um conselho de amigo,
um conselho para salvar tua vida?
Primeiro, joga fora estes livros
que não te livram de nenhum inimigo
mas só criam desafios e perigos.
Depois, o revólver. Sim, o revólver.
O revólver é que mantém o homem vivo.
Então, aprenda a puxar com força o gatilho.
Nada de sustos com o estrondo do tiro
nem com o baque do corpo do imbecil
que cairá à tua frente, meu filho.
Serão muitos: um, dois, três, mil.
Aquele sangue na testa do inimigo,
quase invisível fio vermelho
que parece falsa lágrima de Cristo?
É a cor da tua coragem, filho.
É teu troféu, a tua medalha.
Por quê? Ora, por heroísmo.
E também por piedade cristã:
a morte é o maior prêmio da vida
para essa legião de ban(d)idos.
O quanto sofrem os teus irmãos,
perdidos nas ruas, sem destino,
até encontrar o alívio do teu gatilho!

Essa verdade não ensinam os livros:
apenas os vencedores, os vivos,

empunham o revólver sem medo
e puxam o gatilho com sede,
sem vacilar com o sangue
colorindo o peito do inimigo.
Sim, aquele cheiro,
aquele vermelho
a pintar a camisa
é tua medalha que brilha,
por piedade e heroísmo
e te mantém vivo, filho,
com bala e não com livros.

3. É muito fácil, não?

É muito fácil governar: logo de manhã
vá até a janela e ordene ao jardineiro
que você quer todas as flores
azuis ou amarelas ou vermelhas.

Enfim,
todas de uma só cor,
aquela que você quiser.
A única que escolher
ou: mais de mil vezes mil,
porque você tem o poder.
Até mesmo um jardim incolor.
Sim, sem nenhuma cor.

Mas, se ele não obedecer,
mate-o e passe você a jardinar.
E, caso as flores, ainda assim,
não queiram se submeter,
com rebeldias de pétalas
e perfumes libertários,
é simples: mate-as também
– degole-as! –
e cubra com pedras o jardim.

E
depois, se nos seus sonhos surgir,
como impostor, o arco-íris
com todas aquelas cores
e brilhos de manhãs impossíveis

para vingar a morte do jardineiro,
a degola das flores, o fim do jardim,
não perca o sono: é simples,
muito simples: pare de sonhar.
Definitivamente não sonhe mais.
E não se esqueça do principal:
não deixe de também proibir
todos de sonhar – crianças
cantores e poetas, em especial.

Não é mesmo fácil governar?

IV

No perfume dos teus cabelos

Silêncio.

Calem-se todos.

Quietos – sábios e tolos.

Calados – heróis e tiranos.

Feras punhais gatilhos.

Até flautas, canários

mísseis, guitarras.

Silêncio...

Nada quero ouvir agora

além da brisa do outono

perdida no perfume de teus cabelos

vestindo tua nudez trêmula de desejos.

Noturno

Estala o elástico do sutiã
de seda e transparências
que se solta às pressas...
dois pássaros libertos.
Brilha a nudez
na penumbra.
E luz que luz.
Plena.
Esplêndida.
Cegos porém à ludez
(em chamas)
estremecem no escuro
o homem e seus músculos.
No tapete da sala rola o gato
a lamber com manhosa fúria
estrelas nas patas de pelúcia.
No quintal uiva o cão (preso
por sua nova coleira de aço)
ao forte odor de cios noturnos.
No jardim pululam saúvas
a cortar pétalas de rosas rubras
excitadas com promessas de jasmims.
No pomar de brisas indecisas
o perfume de laranjas maduras
acaricia o sono de colibris
suspensos nos fios de luz.

No surrado sofá vermelho
o marido finge insônias sem fim
para fugir da mulher em febre de desejos
a tremer no frio lençol de cetim.

Pelos cinco sentidos

Dói-me o teu silêncio.
E quanto!
Mais ainda o teu adeus.
Dor de abraçar o vazio –
as paixões no exílio
de beijar o gelo dos espelhos
na insônia de madrugadas frias.
Solidão das solidões, em cada poro;
marinheiros sem norte nem portos.
Dor de moinho sem trigo,
mó faminta de grãos
e vida, a remoer o pó.
De pânico sem voz,
dor das dores,
pelos cinco sentidos,
porque não há mais,
porque não há mil,
a tua ausência – como dói!

Adivinhar?

Sonho? Delírio?
Imóvel no escuro,
procuro tua nudez
invisível, o vulto
ao menos; ou teu hálito
e seus perfumes insólitos.
O contorno do teu corpo
adivinho nos lençóis
ao lado do meu corpo
sem tocar tua pele
sem roçar tua febre
a estremecer-me ainda
e sempre da cabeça aos pés.
Lábios, seios, espáduas?
Nem roço teus cabelos.
Sequer tateio às cegas
tua penugem de seda
em chamuscas
eternas
na memória do meu tato.

Flores de outono

No pólen do absoluto silêncio
de nossa nudez no escuro,
teu vulto, mais que penumbra,
guarda chamus secretas
de intensos, plenos prazeres.
Efêmero incêndio
porém: aço invisível
entre tua pele e meu tato,
tua boca e meus lábios,
o tempo
cega poros
cala músicas
sega músculos
gela o hálito
até os desejos
mais loucos
ou
sublimes devaneios.
Dos êxtases, o último brilho
sufoca, apaga e mata por fim.
E as paixões, gozos, gritos?
Nada, nenhum vestígio
entre as marcas antigas
da nudez já sem viço.
Flores sem caules, nossos corpos
rendem-se então a mudo jejum

(sem fim)
a sonhar com perdidos perfumes
na brisa que se foi
(para sempre)
no último outono
de enganoso frescor.

V

Cego ébano é a estrela

Cego ébano é a estrela
que não passa pela mó
de prodígios e pedra
do moinho de meu avô
(que tritura o milho
em ouríssimas pepitas)
para também ser ouro em pó.

Quem viu?

Coberto de úmida bosta de vaca
até os tornozelos, o par de botas
debaixo da cama nem dorme.
Dupla sentinela
a gêmea fera
em verde escudo de couro/musgo
vela o sono do herói a escalar nuvens
do sonho, no céu aceso pelo avesso.
Entre punhalíssimas pontas de rochas
e chifres de bois mais que fantásticos
o quixote galopa e flutua, vai e volta
a tinir esporas em ginetes sem corpos.
Mas alto lá!
Espanto: fagulham estridências
de sinos em chamas nas trevas:
no curral estoura a boiada real:
olhos e cascos cintilam no breu.
De volta do pastoreio nas estrelas,
a mão do vaqueiro procura elmo e alma
no couro da bota debaixo do catre duro.
O indicador toca no estrume verde
e leva ao nariz a pepita de húmus
com forte odor de ervas e milagres.
O impacto da incensa poção o desperta
ainda com cheiro de viagem nas ventas.
Ele calça logo as botas e corre ao curral
para aplacar o estouro da boiada.

Mas
lá
nada de fúria
tremor ou pugnas:
apenas reses calmas na escuridão
em ruminância monumental de presépio,
olhos de mortícios lampiões,
os guampaços a medir confins,
entre o cocho de sal na ponta da língua
logoali
e abismos além das estrelas.

(Nas retinas do herói atônito,
rútilas delicadezas sem nome:
felinas,
florzinhas-de-mil-cores deslizam na argila
e vestem o telhado de túnicas maravilhas.
Ao primeiro canto do galo
mergulha uma estrela cadente no chifre do touro moiro.
Cintilam pétalas e sangue no corpim do futuro,
o futuro garrote que salta do útero
em cega procura de úberes.
E santa mansidão de presépio
brilha no pelo da boiada sonolenta –
os cascos se plantam no húmus
do curral que embala a quieta multidão)
Tantos prodígios e mistérios
quase cegam o pastor de sombras.
Então,
exausto ao quarto o vaqueiro volta
e joga-se na cama sem descalçar as botas

cobertas – metade sonhos, metade bosta.
Rápido,
o colchão dispara relinchando para o curral,
passa pelas reses cúmplices de pelosluz
e voa com o herói para o fim do mundo.

Manhã.

Os galos cantam que cantam
milagres sem nada revelar.
Das mãos ásperas do ordenhador
as tetas esguicham no alumínio
estranha música de secretas viagens
e capim ruminado em segredo.
Entre o sonho e o leite a espumar no balde
crescem os mistérios da véspera,
abismam os enigmas do herói.
Mas nada revela para onde ele foi
no seu colchão de relinchos e penas;
nem se desatinou com o bebelém do sino
preso ao pescoço do touro moiro,
que ainda guarda no couro
frias agulhas de noturnos arrepios
e rebrilhos da estrela cadente
na ponta do chifre que desafia o sol.
Ou seria o humilde ordenhador
de leite e sonhos, o vero quixote
em disfarce de simples operário
no seu mais que singelo mister?
(Da porteira ao céu
o tiziu voa em arco
e volta piando fogo
em mergulho de joia fria:

Tiziu!

Quem viu?

Tiziu!

Quem viu?

Ninguém.

Nem eu.)

Que ninguém mais pergunte pelo herói
nem cale a música das mãos do ordenhador.

Tiziu!

Quem viu?

Tiziu!

Quem viu?

Ninguém.

Nem eu.

Que sonhos tão diversos

Na varanda que dá para o mundo
o avô cochila na cadeira de balanço
e o bebê sorri no berço do tempo.
E sonham – dois silêncios,
encantados silencins.
Com o que sonhariam assim?
Que sonhos tão diversos
embalam o avô e o berço?

No alpendre

No alpendre suspenso no ocaso
o gato bebe leite na tigela
de verdinegra porcelana Ming.
E atira alvimínimas gotas
no ladrilho carmim
que brilham, rebrilham...
e bebem o sol.
Noite?
Eclipse?
Desauroras...
Agora
quieta louça ming, o gato
dorme com as patas em xis
no céu de estrelas da torre Eiffel
de uma velha folha de jornal
que anuncia outra guerra mundial.

Anoit'c'r*

Quase inv's'vel, o col'br'
suga o último néctarluz do dia.
Vultos de árvores se vestem de nuvens
e noite com pios de pássaros.
Flor mais que azul – o manacá
seduz e cega o pôr do sol
na escuridão do meu quintal.

* anoitecer: tecer a noite?

Além

Em algum vale além das muralhas da China
brilham nos olhos de um menino
vultos de pássaros voando no ocaso de ouro.
O pai roça os pés descalços no arrozal maduro,
perfume de grãos na saliva da lebre.
A música da brisa nos seixos do trilho
que conduz a mãe à montanha mais bela
desperta o brilho das primeiras estrelas.
Na varanda de bambu e abismos,
o avô dança com vultos e sombras
sussurrando uma canção antiga:
“Dorme a mãe,
dorme o filho,
que o gato bebeu o dia.
O gato engoliu o sol
com o leite frio
na tigela azul
de porcelana ming.”
No translúcido murmúrio do regato,
carpas desovam minúsculas estrelas
entre os dedos merlins de um menino
no último vale além das muralhas da China.

VI

Ana, Aninha

Aninha da ponte – elo
de sagas da Goiás Velho
com o sem-fins de segredos
que desocultas a cada verso.
Límpido murmúrio
do rio Vermelho,
Mulher Guerreira
Cigarra Cantadeira
pétalas entre pedras
Cora Coralina...
Fada madrinha de faunas,
floras, lendas e fábulas.
Colar de pérolas mínimas
 !lindas!
a poesia que te habita
embala e multiplica
revela e desafia
sangra e purifica.
Cada poema, água cristalina
doce música dos aléns de Goiás –
dali delá,
deslimites de mil acolás.
AnaCoralina,
com que mágicas agulhas
fias e desfias as fibras da poesia?
Como salpicas de secretos sabores
palavras mais que singelas
com o raro esplendor do cuscuz

em cantos de travo, doçura e luz?
Com o brando lume de teus versos
iluminas manhãs e crepúsculos
com sabor de fruta madura,
cheiro de terra molhada
e sal de corpos suados
na lida
no eito
na luta
na dança
na cama.
Tua poesia, Coralina:
milho na mó
ouro em pó
pôr do sol
broa de fubá
hóstia do peão
golpe de pilão
brado de mulher
suspiro de bebê
naves de nuvens
promessa de chuva
nobreza da mula
rimas de canela e mel
cheiro de terra no cio
fúria e preguiça do rio.
Até vésperas de amanhã
suspiros de amantes
o feitiço do diamante
gota de orvalho
canto do galo.
E mais, muito mais:
eco de gemidos cativos
e voz de todos azuis
dos céus de Goiás.

Nas teclas do silêncio, no tumulto das ruas

Quantos brilhos!
Tantos truques!
Dramas, lendas, luzes
de mil e uma noites...mais mil
voltas do chapéu coco de Carlitos no ar.
Epopéias? Miragens? Tragédias?
Talvez enigmas no sorriso de anjos de pedra
imersos nos mares de atlântidas secretas
de nossos destinos, além do portal dos sonhos?
Ou gnomos no bolso do meu pijama vazio
aos rodopios na sala de não estar
em lugar algum, nenhum cais?
Quantas palavras ocas, loucas
fábulas de amores/desamores!
Afim, que arcanjo ou demônio
comanda esse louco jogo de cartas?
Ah! É aquela mesma trama: libertária
alquimia a des(a)fiar a razão,
fuzis, dogmas, todas as tiranias:
siim! sempre e sempre a poesia.
Ao canto mais que exímio
e libertadores vaticínios
de Chico, Milton, Belchior e Gil
lá vêm Drummond e Cabral
Lorca e Maiakovski
Bandeira, Pessoa & Cia

+

os cúmplices sem nome nem rosto
com o estopim do apocalipse no bolso
prontos para o golpe/verso fatal,
em incríveis piruetas de clown
no fio da navalha que reluz no ar
e...

zaz!...

sega meu cordão umbilical
e prende-me a dilemas milenares
já tatuados na palma da mão
do próximo bebê a nascer no exílio
de peitos secos, tiro na nuca,
natal na latrina, no olho da rua.
Em incríveis tramas e lúdicos desafios
os magos apostam tudo e nada;

eu,

só espantos, na vã esperança
de também enlouquecer de poesia
delírios, deslimites, magia.

Mas onde o passaporte
para o secreto país
das palavras, do exato verbo
que regenera a carne rasgada,
resgata o grito dos mortos-
vivos e todos os ban(d)idos?
Meus apelos perdem-se nos mares
e multiplicam-se em longes ecos
na voz de um louco pescador de miragens:

“Lance mil vezes
anzóis no invisível
do invisível

até capturar,
talvez um dia,
a carne da poesia,
a flor dos abismos,
como o trapezista
que a cada salto,
em louco voo de giz
a riscar o vazio,
só não morre por um triz.”
Um jovem poeta se empolga
e chuta ao gol: o sol
bate na trave e nasce.
Deus quase deixa cair o apito
surpreso com aquele improviso
e manda seguir o jogo.
Eu também me empolgo:
lanço para o ar raios de Van Gogh,
grito vesúvios versos de Maiakovski.
Mas logo calo-me com uma flor
em chamas na garganta, já sem voz.
Desvairado,
ponho uma placa invisível na porta
– “Ringue fechado. Coração em reforma” –
e vou reler as desmemórias de Chaplin
ao som de inaudíveis improvisos de jazz.
Mas o que será de mim
quando Carlitos evaporar
em piruetas na última nota do sax?
Desesperado, insisto aos gritos:
onde estará no caos a poesia
que me espreita, me alucina e me excita?
Em ecos uma voz grave e serena

(de algum Pessoa?) reverbera:
– Não improvise nenhum ardil
nem simule respostas ou desvios.
Desista de alardes e tolos arroubos.
Nenhuma palavra mais: apenas ouça!
Pois a poesia não bate para entrar,
não nasce antes nem chega depois:
simplesmente
amanhece das teclas do silêncio
e do tumulto das ruas,
a cada passo do homem
à procurado seu destino
seus duelos e seus incêndios.

Bétula

...bétula...

...bétula?

...bétula!

...pétalas e mais pétalas
de treviluz crepitam mistérios
iridescentes na brancura da neve
no inverno das estepes sem fim
enquanto flautas ocultas no silêncio
enlouquecem por completo o poeta.
O luar embala vultos de trenós pelo céu
a multiplicar danças de mi(l)ragens
miríades!!!

Até que voa a fábula bétula
do poema de Khlébnikov
por céus e mares
pelos desvãos do sono
pelos desvarios do sonho
das estepes para o meu travesseiro.

E
acorda ecos de balalaicas loucas
ateando fogo no meu lençol.
E de alumbramentos cega todos os espelhos.
Pesadelo, magia, terror?
Seja lá o que for,
“crepitai, bétulas azuis” *,
crepitai, sêmen de vesúvios
versos nos meus lábios mudos.

*Vielimir Khlébnikov

Para uma cantiga singela

Beethoven, violinos, orquestra?
Para uma cantiga singela
bastam uma dose de mistério,
delicados acordes de ternura
e o doce ruído de regato
borbulhando no chá de hortelã
na chaleira de flores carmins.
Mais o fervor de minha mãe
a incendiar a noite de orações
e distribuir biscoitos de polvilho
como hóstias para eternos bebês
no seu regaço infinito
sorrindo para o miúdo brilho
de estrelinhas quase invisíveis
nos olhos de cada filho.

Vadiagens

Moleque a vadiar descalço
com segredos nos bolsos
daquela velha calça curta
e das camisas de nuvens em fuga,
não paro nunca de atirar milho
e versos às eternas galinhas
que ciscam estrelas e pepitas
nos quintais da minha infância
sem fim.
Enquanto
por encanto
pássaros sem corpos me guiam
(ou me transviam?)
com chilros,
pios,
pipios,
como chios de brasa na água fria
pelos labirintos dessa louca viagem.
Que maravilhosas vadiagens!...

